

Aloísio Lemos, Ágora Corretora:

Bom dia a todos. Eu gostaria que vocês explorassem um pouco mais, por favor, a questão do aumento da sinistralidade do seguro de saúde, particularmente comentando a entrada em vigor da resolução normativa 167 e outros procedimentos etc., enfim, e as conseqüências disso para a frente, inclusive, se possível, por favor. Obrigado

Arthur Farne d'Amoed Neto:

Bom dia, Aloísio. Obrigado pela sua pergunta. Acho que o nosso nível de destaque é que houve um impacto de cerca de R\$14 milhões nesse período em função da entrada em vigor desse novo rol de procedimentos, e nós entendemos que ao longo do exercício esse impacto vai ser absorvido com a sinistralidade, no que diz respeito pelo menos a essa questão; um novo rol de procedimentos, convergindo para os níveis que nós vínhamos observando até então.

Você sabe que, no que diz respeito ao individual, esse aumento vai integrar a base da nossa experiência de aumento de custos de 2008, portanto será objeto de recomposição a partir de julho de 2009, e que no caso do grupal serão observadas as regras contratuais, podendo haver reajustes de acordo com os artigos de cada uma das apólices ao longo do decorrer do exercício.

Sérgio Borriello:

Só para complementar, o impacto é absolutamente desenhado de forma estatística, dado que a observância a esse novo rol de procedimentos ainda é muito recente. E no caso específico da SulAmérica, a quantidade de procedimentos adicionados àqueles que a gente já tinha nas apólices é bastante reduzida. Isso é o que justifica esse impacto tão pequeno no montante de reservas da Companhia.

Aloisio Lemos:

OK. No press release há uma frase final dizendo: "o impacto do novo rol de procedimentos deverá ser compensado em 2009". Isso tem a ver com o comentário feito pelo Arthur? Você falava ainda ao longo desse ano, mas era isso que você queria dizer naquela frase do press release?

Arthur Farne d'Amoed Neto:

O que se queria dizer é que o impacto referente ao novo rol será objeto de reajuste nos preços futuros de todas as apólices, sejam elas do individual ou do grupal.

Aloisio Lemos:

OK.

Arthur Farne d'Amoed Neto:

Quando é grupal, essa coisa fica um pouco mais concentrada no 2S08, e no caso do individual um pouco mais concentrada em 2009 em função do calendário de ajuste da ANS.

Aloisio Lemos:

OK. Obrigado.

Maria Laura Pessoa, Unibanco:

Bom dia. Minha pergunta é com relação à sinistralidade de pequenas e médias empresas. Gostaria de entender um pouco o que aconteceu, se tem a ver com o que o Aloísio acabou de mencionar também, em parte. Como é que vocês vêm a sinistralidade desse segmento olhando para frente? Obrigada.

Arthur Farne d'Amoed Neto:

A sinistralidade do PME, Maria Laura, apresenta a mesma consequência do que aconteceu com a carteira grupal como um todo. O PME pode ser objeto de uma revisão, é um *pool* para todo o Brasil, não só apólices empresa–empresa, e pode ser objeto de uma revisão de preços generalizada, se a companhia entender que essa sinistralidade vai sair dos padrões que a gente está buscando. Mas por enquanto não existe nenhum objeto de preocupação com essa sinistralidade em particular, que você pode ver, é bem menor do que o grupal como um todo.

Maria Laura Pessoa:

Obrigada.

Sérgio Borriello:

A outra explicação, só para pontuar o 2T na sinistralidade, tem a ver com inflação. Como todos sabemos, a inflação desse 1S foi um pouco mais alta do que inclusive era esperada pelo Governo e isso impacta nos valores pelos quais a SulAmérica reembolsa os custos desse segmento; não só deste, mas de todos os outros.

Lembro que para efeitos de inflação, a gente tem os reajustes, mais uma vez, que também cobrem o novo rol de procedimentos, e também parcela compensada pela expectativa e pelo alinhamento da Companhia no ALM, que determina a aplicação dos recursos em carteiras que sejam indexadas à inflação. Então, certa parte do crescimento da sinistralidade está sendo compensada com o resultado financeiro um pouco melhor em função das regras de *hedge* que a gente tem com relação aos custos da Companhia.

Maria Laura Pessoa:

Perfeito. Obrigada.

Bruno Pereira, UBS Pactual:

Oi, bom dia a todos. Ainda duas perguntas com relação à sinistralidade; desculpe voltar na questão do saúde, mas só para entender um pouco. Dentro da precificação de vocês, que nível de sinistralidade a gente poderia imaginar como recorrente, à medida que você tem espaço para fazer essa recomposição de preços. Você julga que

o nível do 1T no saúde grupal é um nível mais adequado, quer dizer, dentro das suas expectativas quando vocês precificam o produto.

E o segundo ponto na sinistralidade: no seguro de automóveis, a gente viu mais uma vez um pequeno aumento do 1T para o 2T. Acho que tem sido bastante discutido aí, questão de competição do mercado, tendência de preços, mas se a gente olhar o que vem acontecendo na indústria ao longo dos últimos dois, três meses vocês imaginam também que o 2T foi o patamar mais alto de sinistralidade do automóvel que vocês esperariam para o ano? Como é que vocês estão vendo também precificação no automóvel, por favor? Obrigado.

Arthur Farne d'Amoed Neto:

Bom dia, Bruno. Em relação ao saúde, a Companhia tem mirado numa sinistralidade um pouco superior a 70% no caso de novas apólices do grupal. Isso, marginalmente, vai contribuindo para a redução da sinistralidade, na medida em que essas novas apólices passam a prevalecer na carteira; mas esse continua a ser o nosso *target* em termos de precificação. Então como um todo, considerando o grupal, o PME, e o individual, a tendência é que ele reduza a sinistralidade, sobretudo em função da mudança do *mix*.

Você vê que a carteira de individual caiu cerca de 13%, a caducidade dessa carteira tem sido dessa ordem, 9%, 10%, esse semestre foi de 13%; na medida em que ele perde expressão na composição, a sinistralidade média da carteira tenderá a cair em linha. Por outro lado, na medida em que o PME penetra mais nessa base, com uma sinistralidade um pouco superior a 60%, da mesma forma, também pelo efeito do *mix*, a carteira tende a cair.

Então, você sabe que nós estamos reportando um semestre cuja comparação com o 1S07 tem um efeito importante de eventos não recorrentes que foram destacados no release, ou seja, aquela cobrança de prêmios retroativos a 2005 de apólices individuais pré-lei dos segurados do Estado de São Paulo, que afetou positivamente os resultados do 1S07. Por isso a ressalva que nós temos feito com relação à questão recorrente.

Eu gostaria de lembrar que ainda existem duas grandes praças onde esse fenômeno vai acontecer – ou seja, a possibilidade da SulAmérica cobrar prêmios retroativos – que são Rio de Janeiro e Bahia, especialmente Salvador, mas que nós não estamos imaginando que isso vá ocorrer no curto prazo. É alguma coisa que internamente nós estimamos que seja em 2010 em diante.

Eu não sei se respondi a sua pergunta. No caso de Automóveis eu estou pedindo ao Sérgio que complemente, e depois a gente pode voltar para esclarecer alguma coisa que não tenha ficado clara.

Sérgio Borriello:

No caso de automóveis, Bruno, a primeira coisa importante é que o efeito é absolutamente um efeito de mercado. Realmente no 2S07 nós tivemos uma redução nos prêmios e agora observando uma sinistralidade crescente em relação a esses prêmios.

Apesar disso, gostaria de lembrar alguns fatos que também atingem a sinistralidade do 1S, que foram citados no nosso release. A primeira delas é o efeito de chuvas no início do ano; a segunda delas são pontos bastante esporádicos em relação a algumas frotas; e a terceira, também sem deixar de levar em consideração, os efeitos inflacionários que, mais uma vez, sempre vão pegando. Isso é, digamos que é o comportamento desse 1S de sinistralidade.

Em outra linha, o que a gente tem observado já é uma recuperação dos prêmios, não exclusivamente no caso da SulAmérica, mas de todo o mercado, o que nos deixa com uma perspectiva bastante razoável para o 2S, em função dessa recuperação do prêmio e também em função de coisas que vêm acontecendo no mercado; a regulação sobre a tolerância zero e essas coisas que podem contribuir para o 2S, uma redução dessa sinistralidade. Mas o fato mais importante, com certeza, é a recuperação dos prêmios, que a gente já observou no mês de junho e vem observando no mercado agora em julho também.

Bruno Pereira:

OK. Obrigado.

Marcelo Cabral, Unibanco:

Bom dia. Eu gostaria de fazer uma pergunta com relação a automóvel, que vocês citaram na pergunta passada. Eu queria saber dois efeitos, se vocês já estão sentindo: o primeiro efeito seria o da Lei Seca, se vocês já estão vendo uma redução substancial da sinistralidade em automóveis; e segundo ponto seria o aumento do aço, se isso já está pegando as peças e se isso está pressionando, pelo lado negativo, os custos de reposição de peças, pressionando também a sinistralidade?

Arthur Farne d'Amoed Neto:

Marcelo, a gente está passando, nesse semestre, em particular nesse semestre, por essa transição de um momento em que a receita mostra uma recuperação; nós dissemos que os prêmios emitidos, a receita emitida, o nosso prêmio médio, por exemplo, aumentou 9%, o número que nós indicamos no release foi de R\$ 1.220,00 em média anual, isso é uma elevação importante que vem sendo observada sobretudo nos últimos 40 ou 60 dias. E pelo efeito de diferimento, os prêmios ganhos vão, talvez, acusar isso a partir do 2S, a partir do 3T, em particular.

No que diz respeito a essa questão de Lei Seca, o que nós já notamos é uma redução de frequência combinada com uma redução de severidade dos acidentes. Mas nada indica nesse momento que isso vá se tornar um fator de subscrição, ou seja, que isso vá ser incorporado a nossa política de precificação. Vai levar tempo, e são milhares de variáveis que contribuem para formação do preço. Essa é uma delas. Ela pode levar inclusive a um arrefecimento do crescimento da sinistralidade nesse período, mas não há nada que no curto prazo a gente possa afirmar que isso de fato possa ser um fator de subscrição.

O Sérgio vai comentar a questão do efeito do aço, que você mencionou.

Sérgio Borriello:

Sobre o aço, que você mencionou, o meu comentário foi um pouco mais genérico, falando de inflação em geral, e obviamente o preço do aço é uma das coisas que estão nesse componente que eu chamo de inflação. Eu queria lembrar que, para efeitos inflacionários, mais uma vez, a Companhia tem sempre duas variáveis: uma é o controle dos preços em si; e a outra é a discussão sobre o que mais uma vez eu chamo de ALM, que é a política de investimentos da companhia.

E por outro lado, a gente investiu em alguns indexadores que também têm esse aço como componente. Então você vai verificar lá no resultado financeiro alguns ganhos referentes, vamos dizer assim, um *hedge* parcial daquilo que foram os aumentos inflacionários. Não obstante a isso, a recuperação de preços também tem sido feita e não tenho dúvida que o aço é um desses componentes.

Por último, na questão de peças, você sabe que a gente tem sempre acordos vigentes. Então, essa questão do aço tem um certo atraso, vamos dizer assim, na ocorrência dela, porque os contratos que a gente tem de fornecimento de peças já são um pouco travados, digamos assim, para esse tipo de coisa.

Marcelo Cabral:

Perfeito. Muito obrigado.

Luis Soares, Skopos:

Bom dia. Queria que vocês explicassem um pouquinho essa questão da mudança de regras da Susep, que impactou em torno de R\$ 14 milhões. Como é que vocês vêem o custo para frente, se isso é, na verdade, um ajuste do provisionamento? Eu queria saber o que é o recorrente daqui para frente. Eu vi que lá no lucro ajustado vocês não ajustaram para esses R\$ 14 milhões, que foi uma coisa *one-time*, não é? O lucro ajustado de vocês, que vocês reportaram de R\$ 54,4 milhões, vocês ajustam o resultado da Telemar, mas esse efeito de saúde, eu queria saber como que daqui para a frente isso se comporta dadas as novas requisições da autoridade.

Depois, outra coisa, eu queria saber o que vocês estimam que seja o crescimento em saúde, dado que existe o PME, o individual, dado que vocês estão mirando uma certa sinistralidade, que vocês falaram na faixa dos 70, quanto que a gente consegue entender de crescimento no saúde como um todo, dado esse cliente marginal com sinistro a 70?

A terceira pergunta é: o que vocês estimam que seja o ROE que a administração está mirando para esse 2S ou para o ano de 2009, dados todos esses ajustes, o tipo de cliente, a seleção de clientes que vocês estão fazendo?

Arthur Farne d'Amoed Neto:

Começando pela sua primeira questão, essa foi a segunda revisão de procedimentos desde que a Lei de Seguro Saúde ou a Lei do Setor de Saúde foi repassada, que a ANS existe. É um processo regular, periódico, esperado, e faz parte das regras dessa indústria.

A segunda revisão incorporou aos procedimentos já contemplados, algumas coisas que a medicina trouxe e acaba mostrando práticas que não estavam contempladas no rol. O ajuste se deu no IBMR, na medida em que a administração se antecipa dessa forma a um possível aumento da sinistralidade por conta desses eventos cobertos e que não eram previstos.

Nós já havíamos destacado, e isso foi inclusive objeto de comentário da Companhia na imprensa que, no nosso caso, muitos procedimentos já eram objeto de cobertura pela SulAmérica, e portanto isso é um impacto, embora relevante em termos absolutos, que não afeta a Companhia de uma maneira muito substancial. Quando a gente não destaca isso como não recorrente, é que na realidade isso se passa a se incorporar à nossa base de eventos cobertos e, portanto vai afetar a sinistralidade daqui para frente.

O primeiro impacto de ajustes no IBMR reflete toda uma possibilidade de elevação estatística da sinistralidade nos próximos meses. Vai convergir na medida, ou vai voltar para os níveis que nós tínhamos antes desse efeito, na medida em que os prêmios venham a ser recompostos; o grupal mais rapidamente, por conta do gatilho, e o individual a partir do 2S09. Quando isso se refletir na nossa experiência de custos médicos, o que vai ser objeto de negociação com a ANS para o ano de 2009.

A sua segunda pergunta aponta para que a SulAmérica comente tendências das sinistralidades de PME, individual, etc. Nós não temos fornecido *guidance* a esse respeito. A precificação de 70% é um fato, buscando no grupal uma expectativa de 70%, esse é o objetivo da Companhia, e como você notou bem, isso vai contribuir marginalmente.

Quanto ao retorno, embora eu também não possa fazer um comentário prospectivo, eu posso por outro lado afirmar, que a companhia busca um retorno mínimo de 20% anualizado. Isso é o que o nosso plano, aprovado pelo Conselho, tem que observar minimamente, é uma provisão que os acionistas estabeleceram e tanto o nosso plano quanto nossa experiência busca superar isso.

Luis Soares:

OK. Só mais duas últimas perguntas. Houve uma linha na despesa que se chama “Outras despesas administrativas”, que cresceu ano a ano por volta de 108%, e excluindo acho que a despesa seria bem mais comedida. Se você pudesse explorar um pouco essa “Outras despesas administrativas”.

E eu vi que os recursos administrados aumentaram por volta de 40% e a receita ano a ano dessa área caiu. Eu queria saber se mudou o *mix* de institucional, mudou o tipo de produto; se vocês pudessem explorar um pouco essas duas linhas.

Sérgio Borriello:

Sobre a linha de outras despesas operacionais, basicamente o crescimento vem de um reforço de previsão que a Companhia fez esse semestre referente a causas cíveis, que tem a ver com INSS de corretores. Transitou em julgado uma ação que nós tínhamos, e independente da mudança, os nossos advogados, do ponto de vista da

probabilidade de ganho dessa ação, nós reforçamos essa provisão, razão pela qual essa linha específica cresce um pouco mais do que os parâmetros normais.

Essa ação é uma ação basicamente do mercado inteiro, não é específica da SulAmérica, e tem a ver com a consideração se imposto do INSS será aplicável ou não sobre as comissões dos corretores e sobre a consideração de que os corretores seriam como assalariados da SulAmérica. É uma ação que ainda tem um trâmite legal bastante grande, e nós vamos acompanhar o desenrolar dela.

Arthur Farne d'Amoed Neto:

No caso da gestão de ativos é isso que você observou. Embora o volume seja maior, houve talvez um retorno dos investidores institucionais para os fundos de renda fixa, em oposição a uma migração que havia acontecido para os fundos multimercado sobretudo. Isso explica uma redução do *fee* que é pago à essa operação.

Luis Soares:

OK. Obrigado, Arthur.

João Marcelo Ferreira, Skopos:

Só uma última pergunta: a linha dos prêmios de seguro em outros ramos elementares teve uma queda em relação tanto ao 2T07 quanto ao 1T08. Eu queria entender um pouco melhor a causa dessa queda.

Arthur Farne d'Amoed Neto:

Essa queda, João, se resumiu basicamente a uma menor participação do DPVAT nessa carteira. O DPVAT tinha um peso importante, e a SulAmérica reduziu a sua participação no DPVAT desde que o produto mudou de formato de operação.

João Marcelo Ferreira:

OK. Obrigado.

Operadora:

Encerramos neste momento a sessão de perguntas e respostas. Gostaríamos agora de passar a palavra ao Sr. Arthur Farne d'Amoed Neto para suas considerações finais. Por favor, Sr. Farne, pode prosseguir.

Arthur Farne d'Amoed Neto:

Novamente eu queria agradecer a participação dos senhores, o interesse e as perguntas que foram formuladas. A Companhia continua à disposição, o Sérgio e eu continuamos também à disposição para, por e-mail ou pessoalmente, esclarecer quaisquer dúvidas que vocês tenham na medida em que leiam melhor os documentos da Companhia ou que queiram explorar algum outro ponto conosco.

Sergio Borriello:

Eu também queria agradecer e, mais uma vez, colocar a Companhia e meu nome pessoal à disposição para eventuais dúvidas. Obrigado.

Operadora:

O *conference call* da SulAmérica está encerrado. Agradecemos a participação de todos, e tenham um bom dia.

"Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição."